

*"A obra atemporal de Marco  
Aurélio ganha frescor e  
elegância nesta nova versão."*

— ROBERT FAGLES

Meditações

MARCO AURÉLIO



SEXTANTE



LIVRO 1

*Dívidas e lições*

1. MEU AVÔ VERO

Caráter e autocontrole.

2. MEU PAI (SEGUNDO MINHAS PRÓPRIAS MEMÓRIAS E SUA REPUTAÇÃO)

Integridade e masculinidade.

3. MINHA MÃE

Sua reverência pelo divino, sua generosidade, sua inabilidade não apenas para fazer o mal, mas até mesmo para conceber fazê-lo. E o modo simples como ela viveu – nem de longe como os ricos.

4. MEU BISAVÔ

Evitar as escolas públicas, contratar bons professores particulares e aceitar os custos que disso resultam em um dinheiro bem gasto.

5. MEU PRIMEIRO PROFESSOR

Não dar apoio a este ou àquele lado nas corridas de bigas, a este ou àquele lutador nas competições. Aturar o desconforto e não fazer exigências. Fazer meu próprio trabalho, cuidar da minha vida e não ter tempo para caluniadores.

## 6. DIOGNETO

Não perder tempo com bobagens. Não ser enganado por feiticeiros e trapaceiros da sorte com suas conversas sobre encantamentos, exorcismos e todo o resto. Não ser obcecado por luta de codornas ou outras manias desse tipo. Ouvir verdades indesejadas. Praticar a filosofia e estudar com Báquio, depois com Tandasis e Marciano. Escrever diálogos como um estudante. Adotar o estilo de vida grego – a cama de campanha e o manto.

## 7. RÚSTICO

O reconhecimento de que eu precisava para preparar e disciplinar meu caráter.

Não ser distraído por meu interesse pela retórica. Não escrever tratados sobre questões abstratas, nem proferir pequenos sermões moralizadores, nem redigir descrições imaginárias sobre *A Vida Simples* ou *O Homem que só vive para os Outros*. Evitar a oratória, a poesia e as *belles lettres*.

Não me vestir com elegância só para circular pela casa ou coisas assim. Escrever cartas diretas (como a que minha mãe me enviou de Sinuessa). E comportar-me de forma conciliatória quando as pessoas que nos provocaram ou nos importunaram quiserem fazer as pazes.

Ler com atenção – não ficar satisfeito em “captar apenas o essencial”. E não me deixar levar pelos que têm lábia.

Apresentar-me as lições de Epicteto – e me emprestar seu exemplar pessoal.

## 8. APOLÔNIO

Independência e confiabilidade constantes, sem dar atenção a nada, por mais fugaz que seja, exceto ao *logos*. E ser a mesma pessoa em todas as circunstâncias – dor intensa, perda de um filho, doença crônica. E perceber claramente, a partir do exem-

plo dele, que um homem pode demonstrar tanto força quanto flexibilidade.

Sua paciência ao ensinar. E o fato de ter conhecido alguém que via claramente sua experiência e habilidade de professor como a mais humilde das virtudes.

E ter aprendido a aceitar favores de amigos sem perder o respeito próprio nem parecer ingrato.

## 9. SEXTO

Gentileza.

Um exemplo de autoridade paterna no lar. O que significa viver como a natureza exige.

Seriedade sem arrogância.

Demonstrar solidariedade intuitiva pelos amigos, tolerância com os que refletem de modo amador e desleixado. A capacidade de se dar bem com todos: compartilhar de sua companhia era o maior dos elogios, e essa oportunidade era uma honra para aqueles à sua volta.

Investigar e analisar, com compreensão e lógica, os princípios pelos quais devemos viver.

Não demonstrar raiva nem outras emoções. Ser livre de paixão e, ainda assim, cheio de amor.

Elogiar sem ser bombástico; demonstrar conhecimento sem ser pretensioso.

## 10. O CRÍTICO LITERÁRIO ALEXANDRE

Não corrigir as pessoas o tempo todo e, em especial, não repreendê-las sempre que cometerem um erro de convenção ou gramática, nem quando pronunciarem algo errado; simplesmente responder a suas perguntas, acrescentar outro exemplo, debater o assunto em si (não suas frases) ou fazer alguma outra contribuição para o debate – e inserir a expressão correta de maneira discreta.

### 11. FRONTÃO

Reconhecer a malícia, a astúcia, a hipocrisia que o poder gera e a crueldade peculiar muitas vezes demonstrada por pessoas de “boas famílias”.

### 12. ALEXANDRE, O PLATÔNICO

Não dizer (nem escrever) para as pessoas sempre que estou muito ocupado, a menos que esteja de fato. Da mesma forma, não estar o tempo todo me esquivando de responsabilidades para com as pessoas ao meu redor por causa de “negócios urgentes”.

### 13. CATULO

Não ignorar o ressentimento de um amigo – mesmo um ressentimento injustificado – e, sim, tentar resolver as coisas.

Demonstrar um respeito incondicional pelos próprios professores (a história de Domício e Atenodoro) e um amor não dissimulado pelos próprios filhos.

### 14. [MEU IRMÃO] SEVERO

Amar minha família, a verdade e a justiça. Foi através dele que descobri Trásea, Helvídio, Catão, Dião e Bruto, e concebi uma sociedade de leis igualitárias, governada pela igualdade de condições e de expressão e com governantes que respeitam a liberdade de seus súditos acima de tudo.

Também com ele: ser firme e consistente na valorização da filosofia.

E ajudar os outros e ter vontade de compartilhar, não ser pessimista e nunca duvidar do afeto de seus amigos por você. E, quando as pessoas estavam sujeitas à desaprovação dele, sempre sabiam disso. E os amigos dele nunca tiveram que especular sobre a atitude dele em relação a nada, pois era sempre clara.

## 15. MÁXIMO

Autocontrole e resistência a distrações.

Otimismo na adversidade – especialmente na doença.

Uma personalidade em equilíbrio: dignidade e graça juntas.

Executar seu trabalho sem reclamar.

A certeza que as outras pessoas tinham de que ele dizia o que pensava, e de que o que ele fazia era feito sem malícia.

Nunca se surpreender nem ficar apreensivo. Nem imprudente nem hesitante – nem perplexo nem perdido. Não ser obsequioso – mas também não ser agressivo nem paranoico.

Generosidade, caridade, honestidade.

A sensação que ele dava de *permanecer* no rumo, não de ser *mantido* nele.

O fato de que ninguém jamais se sentiu alvo de condescendência dele – nem em posição de ser condescendente com ele.

Senso de humor.

## 16. MEU PAI ADOTIVO

Compaixão. Fidelidade inabalável às decisões, uma vez tomadas.

Indiferença às honras superficiais. Trabalho árduo. Persistência.

Ouvir qualquer pessoa que possa contribuir para o bem público.

Sua obstinada determinação em tratar as pessoas como mereciam.

Noção de quando exercer pressão e de quando recuar.

Pôr um fim à busca por adolescentes.

Seu altruísmo. Ele não esperava que os amigos o mantivessem entretido no jantar nem viajassem com ele (a menos que o quisessem). E quem tivesse que ficar para cuidar de algo sempre o encontrava igual quando ele voltava.

As perguntas investigativas dele em reuniões. Uma espécie de quase obstinação, nunca se satisfazendo com as primeiras impressões nem interrompendo uma discussão prematuramente.

Sua constância com os amigos – nunca se cansando deles nem demonstrando favoritismo.

Autoconfiança, sempre. E alegria.

Seu planejamento antecipado (com bastante antecedência) e sua atenção cuidadosa até mesmo com as menores coisas.

Suas restrições às aclamações – e a todas as tentativas de lisonjeá-lo.

Sua devoção constante às necessidades do império. Sua administração do tesouro. Sua disposição em assumir a responsabilidade – e a culpa – por ambos.

Sua atitude para com os deuses: sem superstição. E sua atitude para com os homens: sem demagogia, sem favoritismo, sem bajulação. Sempre sóbrio, sempre estável e nunca vulgar nem preso a modismos.

A maneira como ele lidava com os confortos materiais que a fortuna lhe oferecia em abundância – sem arrogância e sem justificativas. Se estavam disponíveis, ele os aproveitava. Se não estavam, ele não sentia falta deles.

Ninguém jamais o chamou de falastrão, desavergonhado nem pedante. As pessoas o viam como ele era: um homem que a vida pôs à prova, realizado, que não era influenciado pela lisonja, qualificado para governar a si mesmo e governá-las.

Seu respeito pelas pessoas que praticavam filosofia – pelo menos aquelas que eram sinceras em relação a isso. Mas sem destrar as outras – nem ouvi-las.

Sua capacidade de se sentir à vontade com as pessoas – e de fazer com que se sentissem à vontade, sem se impor.

Sua vontade de cuidar adequadamente de si mesmo. Não era hipocondríaco nem obcecado com a aparência, mas tam-

bém não ignorava as coisas. Como resultado, ele quase nunca precisou de atenção médica, nem de drogas, nem de qualquer tipo de pomada ou unguento.

Em especial: sua disposição de ceder a palavra a especialistas – em oratória, direito, psicologia, o que fosse – e de apoiá-los com entusiasmo para que cada um deles pudesse realizar seu potencial.

O respeito à tradição sem precisar parabenizar constantemente a si mesmo por Salvar Nossos Valores Tradicionais.

Sua propensão a não sair pela tangente nem fazer pressão em todas as direções, mas manter-se fiel aos mesmos lugares e às mesmas coisas de sempre.

A maneira como ele podia ter uma de suas enxaquecas e depois retornar imediatamente ao que estava fazendo – renovado e no auge de sua disposição.

O fato de que ele tinha tão poucos segredos – apenas segredos de Estado, na verdade, e não muitos.

A maneira como ele mantinha as ações públicas dentro de limites razoáveis – torneios, projetos de construção, distribuições de dinheiro e assim por diante – porque olhava para o que precisava ser feito, não para o crédito que obteria ao fazê-lo.

Nada de tomar banho em horários estranhos, realizar projetos de construção para proveito próprio, se preocupar com comida nem com o corte e a cor das roupas, nem ter servos atraentes. (O manto de sua propriedade em Lório, a maior parte das coisas em Lanúvio, a forma como ele aceitou as desculpas do despachante aduaneiro em Túsculo, etc.)

Ele nunca demonstrou grosseria, perdeu o controle nem se tornou violento. Ninguém nunca o viu suar. Tudo devia ser abordado de forma lógica e ponderada, de maneira calma e ordenada, mas decidida e sem pendências.

Podia-se dizer a respeito dele (como dizem de Sócrates) que

soube usufruir e se abster de coisas de que a maioria das pessoas considera difícil se abster e muito fácil usufruir. Força, perseverança, autocontrole em ambas as áreas: a marca de uma alma em prontidão – indomável.

(Doença de Máximo.)

## 17. OS DEUSES

O fato de que tive bons avós, uma boa mãe e um bom pai, uma boa irmã, bons professores, bons empregados, parentes, amigos – quase sem exceção. E que nunca perdi o controle com nenhum deles, embora tenha desejado e pudesse fazê-lo com facilidade. Mas, graças aos deuses, nunca fui colocado nessa posição e, portanto, passei no teste.

De não ser criado pela namorada do meu avô por mais tempo do que fui. De não ter perdido a virgindade muito cedo nem entrado na idade adulta prematuramente – até mesmo a adiei.

De que tive alguém – como governante e como pai – que pôde me impedir de ser arrogante e me levou a perceber que mesmo na corte você pode viver sem uma tropa de guarda-costas e belas roupas, lâmpadas, esculturas – toda a farsa. Que você pode se comportar quase como uma pessoa comum sem parecer desleixado nem descuidado como governante ou no cumprimento de obrigações oficiais.

Que tive o tipo de irmão que eu tive. Aquele cujo caráter me desafiava a aprimorar o meu. Aquele cujos amor e afeto enriqueceram minha vida.

O fato de que meus filhos não nasceram burros nem com deformidades físicas.

O fato de eu não ser mais talentoso em retórica, poesia ou em outras áreas. Se eu sentisse que estava fazendo mais progresso, talvez nunca as tivesse abandonado.

O fato de que conferi às pessoas que me criaram as honras

que elas pareciam desejar desde o início em vez de adiá-las (já que elas ainda eram jovens) na esperança de fazê-lo mais tarde.

O fato de ter conhecido Apolônio, Rústico e Máximo.

Que fui exposto com clareza e frequência a como seria viver segundo a natureza exige. Os deuses fizeram tudo que puderam – por meio de seus dons, sua ajuda, sua inspiração – para garantir que eu pudesse viver como a natureza pede. E se eu falhei, não é culpa de ninguém, apenas minha. Porque não prestei atenção ao que eles me disseram – ao que eles me ensinaram, na prática, passo a passo.

Que meu corpo resistiu, ainda mais considerando a vida que levei.

Que nunca encostei um dedo em Benedita nem em Teodoto. E que mesmo depois, quando fui tomado pela paixão, me recuperei dela.

Que, embora eu estivesse frequentemente chateado com Rústico, nunca fiz nada do qual teria me arrependido depois.

Que, embora tenha morrido jovem, pelo menos minha mãe passou seus últimos anos comigo.

Que, sempre que senti vontade de ajudar alguém sem dinheiro ou que tinha outra necessidade, nunca tive que ouvir que não tinha recursos para fazê-lo. E que nunca fui colocado nessa posição – de ter que receber algo de outra pessoa.

O fato de ter a esposa que tenho: obediente, amorosa, humilde.

De meus filhos terem tido professores competentes.

As curas concedidas através de sonhos – quando eu estava tossindo sangue, por exemplo, e sofrendo crises de tontura. E aquela em Gaeta.

Que, quando me interessei pela filosofia, não caí nas mãos de charlatães, não me afundei na escrita de tratados, não fui absorvido pela prática excessiva da lógica nem me preocupei com a física.

Todas as coisas para as quais “precisamos da ajuda da fortuna e dos deuses”.



LIVRO 2

*No rio Granua, entre os quados*

1. Quando acordar de manhã, diga a si mesmo: as pessoas com quem vou lidar hoje serão intrometidas, ingratas, arrogantes, desonestas, invejosas e grosseiras. Elas são assim porque não sabem diferenciar o bem do mal. Mas eu vi a beleza do bem e a feiura do mal e reconheci que quem faz o mal tem uma natureza semelhante à minha – não do mesmo sangue ou nascimento, mas da mesma mente, e tem uma parte do divino. E, por isso, nenhuma delas pode me fazer mal. Ninguém pode me envolver na feiura. Também não posso sentir raiva de um parente nem odiá-lo. Nascemos para trabalhar juntos, como pés, mãos e olhos, como as duas fileiras de dentes, superior e inferior. Obstruir um ao outro não é natural. Sentir raiva de alguém, dar as costas para ele: são obstruções.

2. Tudo quanto sou é carne e um pouco de espírito e inteligência. Jogue fora seus livros agora; pare de se deixar distrair. Isso não é permitido. Em vez disso, como se você estivesse morrendo agora, despreze sua carne. Uma confusão de sangue, pedaços de ossos, um emaranhado entretecido de nervos, veias, artérias. Considere o que é o espírito: ar, e nunca o mesmo ar, e sim o ar vomitado e engolido de novo a cada instante. Por fim, a inteligência. Pense desta forma: você é um homem velho. Pare de permitir que sua mente seja escravizada, seja manipulada por impulsos egoístas, que se queixe do destino e do presente e que desconfie do futuro.

3. O que é divino está pleno de Providência. Nem mesmo o acaso está divorciado da natureza, do entrelaçamento e do envolvimento das coisas governadas pela Providência. Tudo procede dela. E então há necessidade e as carências de todo o mundo, do qual você é uma parte. O que quer que a natureza do todo faça, e o que quer que sirva para preservá-la, é bom para todas as partes da natureza. O mundo é mantido pela mudança – nos elementos e nas coisas compostas por eles. Isso deve lhe bastar; trate isso como um axioma. Descarte sua afeição por livros, para que você não morra na amargura, mas na alegria e na verdade, grato aos deuses do fundo do seu coração.

4. Lembre-se de há quanto tempo você vem adiando isso, quantas prorrogações os deuses lhe deram e você não as usou. Em algum ponto, você tem que reconhecer a que mundo você pertence; que poderes o governam e de que fonte você brota; que existe um limite para o tempo que lhe foi concedido e se você não usá-lo para se libertar, ele passará e nunca mais voltará.

5. Concentre-se a cada minuto como um romano – como um homem – em fazer o que está diante de você com seriedade precisa e autêntica, com ternura, disposição e justiça. E em se libertar de todas as outras distrações. Sim, você consegue – se fizer tudo como se fosse a última coisa que você estivesse fazendo na vida e parar de ser inconsequente, parar de permitir que suas emoções substituam o que sua mente lhe diz, parar de ser hipócrita, egocêntrico, irritável. Você percebe como são poucas as coisas que você tem de fazer para ter uma vida satisfatória e honrada? Se você conseguir fazer isso, é tudo que até os deuses podem lhe pedir.

6. Sim, continue se degradando, alma. Mas em breve sua chance de dignidade desaparecerá. Todo mundo ganha uma vida. A sua

está quase esgotada e, em vez de tratar a si mesmo com respeito, você confiou a própria felicidade às almas dos outros.

7. As coisas externas o distraem? Então reserve um tempo para aprender algo que valha a pena; pare de se deixar ser manobrado em todas as direções. Mas certifique-se de se proteger contra o outro tipo de confusão. Pessoas que trabalham a vida toda, mas não têm propósito ao qual direcionar cada pensamento e impulso, estão perdendo tempo – mesmo quando trabalham com afinco.

8. Ignore o que se passa na alma das outras pessoas – ninguém nunca veio a sofrer dessa forma. Mas se você não acompanhar o que sua *própria* alma está fazendo, como você pode *não* ser infeliz?

9. Nunca se esqueça destas coisas:

A natureza do mundo.

Minha natureza.

Como me relaciono com o mundo.

Qual proporção dele constituo.

Que você faz parte da natureza, e ninguém pode impedi-lo de falar e agir em harmonia com ela, sempre.

10. Ao comparar pecados (como as pessoas fazem), Teofrasto diz que os cometidos por desejo são piores do que os cometidos por raiva: é uma boa filosofia. O homem irritado parece dar as costas à razão por uma espécie de dor e convulsão interior. Mas o homem movido pelo desejo, que é dominado pelo prazer, parece, de algum modo, ser mais autoindulgente, menos viril em seus pecados. Teofrasto está certo, e filosoficamente correto, ao dizer que o pecado cometido por prazer merece uma repreensão mais dura do que aquele cometido por dor. O homem com raiva é mais como uma

vítima do mal, sua dor o leva à raiva. O outro homem corre para a transgressão por conta própria, levado a agir pelo desejo.

11. Você poderia partir da vida agora. Deixe isso determinar o que você faz, diz e pensa. Se os deuses existem, abandonar os seres humanos não é assustador; os deuses nunca o submeteriam ao mal. E se eles não existem ou não se importam com o que nos acontece, qual o sentido de viver em um mundo sem deuses nem Providência? Mas eles existem, eles se importam com o que acontece conosco e colocaram dentro das pessoas tudo de que elas precisam para evitar o verdadeiro mal. Se houvesse qualquer coisa prejudicial do outro lado da morte, eles teriam garantido que a capacidade de evitar essa coisa estivesse dentro de você. Se algo não prejudica seu caráter, como pode prejudicar sua vida? A natureza não teria negligenciado esses perigos por deixar de reconhecê-los ou porque os viu, mas foi impotente para evitá-los ou corrigi-los. E ela jamais, por incapacidade ou incompetência, cometeria o erro de deixar coisas boas e ruins acontecerem indiscriminadamente aos bons e aos maus do mesmo jeito. Mas morte e vida, sucesso e fracasso, dor e prazer, riqueza e pobreza, tudo isso acontece com os bons e os maus do mesmo jeito, e essas coisas não são nem nobres nem vergonhosas – e, portanto, nem boas nem más.

12. A velocidade com que todos eles desaparecem – os objetos no mundo e a memória deles no tempo. E a verdadeira natureza das coisas que nossos sentidos experimentam, especialmente aquelas que nos atraem com prazer ou nos assustam com a dor ou são alardeadas pelo orgulho. Compreender essas coisas – quanto são estúpidas, desprezíveis, sujas, decadentes e mortas –, é para isso que servem nossos poderes intelectuais. E para compreender o que realmente representam essas pessoas cujas opiniões e vozes constituem fama. E o que é morrer – e que se você olhar de forma

abstrata e decomposer suas ideias imaginárias da morte por meio da análise lógica, você perceberá que ela não é nada além de um processo da natureza, do qual só as crianças podem ter medo. (E não é só um processo da natureza, mas um processo necessário.) E como o homem apreende Deus, com que parte de si mesmo ele o faz, e como essa parte é condicionada ao fazê-lo.

13. Nada é mais patético do que pessoas que andam em círculos, “investigando as coisas que estão abaixo” e conduzindo investigações nas almas das pessoas à sua volta sem nunca perceber que tudo que você precisa fazer é estar atento ao poder dentro de si e adorá-lo com sinceridade. Adorá-lo é impedir que ele seja turbado pela turbulência e que se torne inconsequente e insatisfeito com a natureza – divina e humana. O que é divino merece nosso respeito porque é bom; o que é humano merece nossa afeição porque é como nós. E nossa pena também, às vezes, por sua incapacidade de diferenciar o bom do mau – uma cegueira tão terrível quanto aquela que não consegue distinguir o branco do preto.

14. Mesmo que você viva mais três mil anos, ou dez vezes isso, lembre-se: você não pode perder outra vida além daquela que está vivendo agora, nem pode viver outra vida senão aquela que você está perdendo. A mais longa equivale à mais curta. O presente é o mesmo para todos; a perda do presente é a mesma para todos; e deve ficar claro que um breve instante é tudo que se perde. Pois você não pode perder o passado nem o futuro; como você pode perder o que não tem?

Lembre-se de duas coisas:

- i. que tudo sempre foi igual e continua a se repetir, e não faz diferença se você vê as mesmas coisas se repetirem por cem ou duzentos anos ou por um período infinito;

ii. que os mais longevos e os que morrerão mais cedo perdem a mesma coisa. O presente é tudo de que podem abrir mão, já que é tudo que se tem, e o que não se tem não se pode perder.

15. “Tudo é apenas uma impressão.” – Mônimo, o Cínico. E a resposta é bem óbvia. Mas o argumento é útil, se você tomá-lo pelo que vale.

16. A alma humana se degrada:

- i. Acima de tudo, quando faz o possível para se tornar um abscesso, uma espécie de protuberância desprendida no mundo. Ficar descontente com qualquer coisa que acontece é uma espécie de separação da Natureza, que compreende a natureza de todas as coisas.
- ii. Quando dá as costas para outra pessoa ou se propõe a prejudicá-la, como fazem as almas dos irados.
- iii. Quando é dominada pelo prazer ou pela dor.
- iv. Quando coloca uma máscara e faz ou diz algo artificial ou falso.
- v. Quando permite que sua ação e seu impulso sejam desprovidos de propósito, aleatórios e desconectados: até as menores coisas devem ser direcionadas para um objetivo. Mas o objetivo dos seres racionais é seguir as regras e as leis da mais antiga das comunidades e dos Estados.

17. A vida humana.

Duração: *momentânea*. Natureza: *mutável*. Percepção: *vaga*. Condição do corpo: *decadência*. Alma: *confusa*. Fortuna: *imprevisível*. Fama duradoura: *incerta*. Resumo: *O corpo e suas partes são um rio, a alma, sonho e névoa, a vida é guerra e uma jornada para longe de casa, a reputação duradoura é o esquecimento.*

Então o que pode nos guiar?

Só a filosofia.

O que significa garantir que o poder interno permaneça seguro e livre de agressão, superior ao prazer e à dor, sem fazer nada de forma aleatória, desonesta ou com impostura, sem depender do que outra pessoa está ou não está fazendo. E certificando-se de aceitar o que acontece e o que é dado como proveniente do mesmo lugar de onde ele veio. E, sobretudo, que ele aceite a morte com espírito alegre, como nada mais que a dissolução dos elementos dos quais cada ser vivo é composto. Se a morte não prejudica os elementos individuais em se transformarem continuamente um no outro, por que as pessoas têm medo de que todos eles mudem e se separem? É uma coisa natural. E nada que é natural é mau.

## CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO

- Augusto Cury: Você é insubstituível (2,8 milhões de livros vendidos), Nunca desista de seus sonhos (2,7 milhões de livros vendidos) e O médico da emoção
- Dale Carnegie: Como fazer amigos e influenciar pessoas (16 milhões de livros vendidos) e Como evitar preocupações e começar a viver
- Brené Brown: A coragem de ser imperfeito – Como aceitar a própria vulnerabilidade e vencer a vergonha (600 mil livros vendidos)
- T. Harv Eker: Os segredos da mente milionária (2 milhões de livros vendidos)
- Gustavo Cerbasi: Casais inteligentes enriquecem juntos (1,2 milhão de livros vendidos) e Como organizar sua vida financeira
- Greg McKeown: Essencialismo – A disciplinada busca por menos (400 mil livros vendidos) e Sem esforço – Torne mais fácil o que é mais importante
- Haemin Sunim: As coisas que você só vê quando desacelera (450 mil livros vendidos) e Amor pelas coisas imperfeitas
- Ana Claudia Quintana Arantes: A morte é um dia que vale a pena viver (400 mil livros vendidos) e Pra vida toda valer a pena viver
- Ichiro Kishimi e Fumitake Koga: A coragem de não agradar – Como se libertar da opinião dos outros (200 mil livros vendidos)
- Simon Sinek: Comece pelo porquê (200 mil livros vendidos) e O jogo infinito
- Robert B. Cialdini: As armas da persuasão (350 mil livros vendidos)
- Eckhart Tolle: O poder do agora (1,2 milhão de livros vendidos)
- Edith Eva Eger: A bailarina de Auschwitz (600 mil livros vendidos)
- Cristina Núñez Pereira e Rafael R. Valcárcel: Emocionário – Um guia lúdico para lidar com as emoções (800 mil livros vendidos)
- Nizan Guanaes e Arthur Guerra: Você aguenta ser feliz? – Como cuidar da saúde mental e física para ter qualidade de vida
- Suhas Kshirsagar: Mude seus horários, mude sua vida – Como usar o relógio biológico para perder peso, reduzir o estresse e ter mais saúde e energia

sextante.com.br

